

B. St. Isabel ⑦

Autoridade, liberdade e participação na vida eclesial

Abril 70

① No mesmo ponto de partida ~~de partida~~ ^{evangelizando} ~~de partida~~ ^(per cristos)
duas maneiras de olhar nos
o trinómio proposto:

— ao nível da sociologia
religiosa, interpretando a Igreja
como uma instituição social,
específica;

— ao nível da eclesiologia,
interpretando-a ao nível dos
elementos q' as constituintes
da Igreja eng. corpo social
específico.



2. Interpretar a Igreja pelo (2)
crivo da sociologia religiosa
equivale a dizer q a tem 1º tem-
po ela é definida pelos valores
e pelos objectivos colectivos da
comunidade q a constitui. ^{entre outros}
Reconhecer-se-ão como valores:

- a liberdade das pessoas uma
vez q o Mistério central do
Cristianismo é justf a transição
da escravidão à liberdade; ^{está} ~~no~~
Já referida pelo pastor Malmo Nerven
- a igualdade de todos e a sua
interdependência na edificação
do Corpo de Cristo;
- a participação a todos os níveis
em q a instituição se manifesta.



A com 2.º tempo, podem defi- ③
nir-se outros elementos institucio-
nais :

- estruturas intermédias de insti-
tuição (dioceses, paróquias, grupos
de base)
- funções (dos padres, dos leigos,
dos religiosos, dos bispos)
- modos de funcionamento
(normas jurídicas, autoridade)
- meios a utilizar (estruturas
de decisão, finanças, comunicação)



Fundação Cuidar o Futuro

Nesta perspectiva, pode dizer-se
q̃ a vida institucional da Igreja
ao mesmo tempo q̃ influencia
cultural e social a comunidade
onde se insere, é afectada pelas
transformações q̃ nessa comuni-

dade se operam. Assim, as ④
interogações postas pelo n/ tempo
a q^{ue} instituiu ao nível da
repartição de funções, das con-
dições de liberdade, dos canais
de comunicação, põem-se ne-
cessárias à Igreja como condi-
cionantes dos valores q^{ue} p^{ossu}
ra incarnar.

Por outro lado, pelo seu
próprio dinamismo interno
a Igreja é levada a resituar
de modo diferente quer os
valores quer as estruturas,
q^{ue} os veiculam. Ao nível ^{teológico} ~~ins-~~
^{sociológico} ~~trucional~~, Vat. II foi um
decisivo ponto de viragem
q^{ue} pela introdução clara



quer de novos valores (consciência ⑤
pessoal, afirmação da fraternidade
universal, colegialidade) quer
de novos modos de funciona-
mento.

A interpretação ^{de B. de} sociologia
religiosa leva-nos ~~a~~ a dizer
entre muitas outras coisas:

- q a instituição tem de criar
novas condições de afirmação
de consciência pessoal, como

- que a fraternidade uni
expressão do processo libertador
da cris te;

- q a igualdade vida
fraternidade universal implica
formas adequadas de partici
pação

- q a autoridade se deve situar
no contexto de uma forma muito



ampla de estruturas.

(6)

— q a Igreja eq.^{ta} instituiç^{ão}
social tem de ser moldada
pelas aspirações + fundas da
sociedade contemporânea:
aspirações à liberdade indivi-
dual q possa exprimir a
criatividade e a originalidade
de cada um; aspirações à
participação de cada um no
todo; enquadramento de
autoridade num todo orgânico.
~~e q ela estimule e não reprim~~
one,



3. Interpretar a Igreja pelo ⑦
crivo da eclesiologia é procurar
os seus elementos constitutivos
seg.^{to} ~~ção~~ com dado de Cristo
no meio de nós.

Por este crivo, o trinómio de
q nos ocupamos hoje, tem uma
resonância particular.

Assim a ^{luminosa} liberdade é o
estatuto do cristão, a sua
condição mesma, fruto da
vida do Espírito q nele habit.
(Por fazer a teologia do Espírito
q ajudaria a ver como é q
~~estatuto~~ estatuto se vai tornando
progressiva/ numa situação rel.)



Assim,
A participação do cristão é a ②
sua possibilidade de ser parte de.

Ora cada um q recebeu o Espírito,
recebe o dom, o carisma q lhe
é próprio p: a edificação do todo,
p: o serviço ou ministério dos ir-
mãos. A Igreja só é Igreja na
medida em q cada um dos seus



que está na atitude global q
responde ao seu carisma (flash).

A Igreja: o operário / bate as chapas, o
professor / ensina, etc. ... ou ainda os
(cantos de Fra Angelico). A Igreja não
é um grupo p: q se entra - é
um movimento c.º do Espírito
q renova todas as coisas. ... Daí o
carácter existencial de ser cristão

- a participação é ser, ser plena/
fiel aos carismas q o tempo vai ^{passando} des-
cobrindo (o logro da participação não qualifica-se pelos carismas).

Também a autoridade não é uma
~~super-estrutura~~ ^{mas uma forma de ser}. 9
~~A~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~mov~~ ~~eu~~ ~~posso~~ ~~plan~~
~~de "autoridade" como decorrendo~~
~~destes dois conceitos~~. Por seu livre
e partícipo exerce uma autoridade.
Seria fundamental podermos
falar destas autoridades $\bar{}$ todos por
químicos. Decorrem dumra noção
de "poder" $\bar{}$ se situa a nível
diferente do conceito $\ast$ generalizado
na civilização de estrutura
médias em $\bar{}$ o poder se concentra
no topo. O "poder" $\bar{}$ fluido, $\bar{}$
difuso, como $\bar{}$ coisa que $\bar{}$ todos
banhamos, é ainda um caminho
por explorar. As autoridades não
exercício deste poder $\bar{}$ não é delegado
sem plebiscito ~~mas~~ $\bar{}$ decorre do
exercício da liberdade do $\bar{}$ $\bar{}$ e da
originalidade de a forma de ser e de
publicar.



A discutida co-responsabilidade ⁽¹⁰⁾
~~explicada~~ ^{na mesa} ~~anunciada~~ pelo Cardeal Suenens
estava implícita numa história
intervenção q fez na 2.ª sessão
de Vat II e q passou ^{quase} desapare-
cida na Iz. Católica. Diz-se então
o Cardeal Suenens q os carismas
são o fundamento de todos os
serviços da Igreja, incluindo o
serviço da hierarquia, serviço
q é definido em Adhuc haec
como o "ministério da comunidade".

Assim, todas as autoridades estão
ligadas a um carisma e o da
hierarquia ao ministério da
comunidade.



✓ lembrar "autoridade"
como carisma, como o ordem
o Pastor Paulo Neves

4. Quero fazer notar a convergência dos elementos fundamentais que apercebemos na Igreja que seja o crivo e a análise. Contrária ao que uma observação ~~a~~ mera/superficial da natureza das coisas pode fazer crer, não há tensão de fundo entre as aspirações democráticas (subjacentes ^{nos} à escolha dos trinómios 3 termos aut., lib. part.) da sociedade de hoje e os elementos constitutivos da Igreja.



O q̃ pode deduzir-se daqui? (14)

2. A coincidência da Igreja nos
~~seus~~ ~~pro~~ elementos constitutivos e
aspirações democráticas da
sociedade de hoje:

- a democracia cria espaços em
q̃ cada um, forçado de certo modo
a ~~for~~ fazer parte da sociedade pro-
fana, tenha a maior liberdade
e possibilidade de colaboração.

Na medida em q̃ os adultos
pertencem à Igreja só a partir
de uma decisão livre, e
estatuto de liberdade dos cristãos
parece encontrar aí uma
condição de plena realização.



- a democracia procura desen¹²
volver a distribuiç¹² de funções e
realizar
a sua coordenaç¹² de modo q¹² todos
colaborem na construç¹² da cidade;
pela sua decisão livre de serem
Brega ou eustão não têm outra
via senão a de escolherem rea-
lizar um caminho próprio
q¹² contribua p¹² a edificaç¹² do
todo... É na diversidade dos sons
e dos matizes q¹² se ~~realiza~~ ^{constitui}
o Corpo de Cristo.

— a democracia q¹² se libertou
do esquema simplista da democra-
cia-liberal do princípio do século
procura "metas", "valores objetivos"
(democracias populares e seus
líderes messiânicos e "Nova fronteira"
americana ...) Paralelo e/ a



personalização das normas e da ⁽¹⁸⁾
autoridade na Igreja. Consequências?

— ao nível institucional, a
Igreja tem assim q̄ procurar
encontrar as vias de incorporação
destes valores nas várias estru-
turas q̄ a formam.

Fundação Cuidar o Futuro



3. A Igreja do futuro deveria participar da vida.

da decisão livre dos cristãos
de a ela pertencerem;

da sua situação de diáspora
e ... sua preocupação dominante
da missão da Igreja, forma
em q participam todos

da fluidez do próprio conceito
de participação, cada um partici-
pando de uma forma q lhe for + genuína
(conceito de movimento-voltado-para-
os q nele tornam institucional/ responsabi-
lidade, os q se inspiram nos valores pro-
postos e procuram realiza-los onde
estiverem, ...)



— ~~partida~~ da consciência nítida e concreta do $\bar{q}$ significa a unidade na diversidade dos dons; assim, aos momentos de grande concentração dos cristãos numa comunidade anônima mas $\bar{q}$ os transcende, sinal do anonimato $\bar{q}$ caracteriza a vida secular, justapor-se-ão outros momentos mais contínuos e $\bar{q}$ os cristãos se encontrarão em comunidades de base p:^{te} partilharem a Palavra $\bar{q}$ o $\bar{q}$ ão, Fundação Cuidar o Futuro

— de interpenetração das autoridades quer daquelas $\bar{q}$ são a consequência da liberdade e participam de cada um quer das $\bar{q}$ são constitutivas da Igreja $\rightarrow$ as várias autoridades reconhecendo-se não como únicas mas como seus de um plural

(pg. 17)



(16)

— Igreja local não é eclesial q^{ta}
está vinculada a outras; as feitas
nem o Papa nem a Escriitura nem a Tradição
constituem ~~autoridades~~ ^{autoridades} únicas; estes ritos
dependentes nem todo.

Parecerá utópico pensar em termos
de Igreja do futuro. Creio q^{ta} no n^o
tempo, c^o o lastro deixado pelas
grandes filosofias deste século, não
podemos apenas fixarmo-nos num
presente. E no dinamismo histó-
rico q^{ta} acreditamos, é num Reino
q^{ta} ha-de vir q^{ta} cremos. E o nosso
esforço, será tanto mais incarnado
na Fé e na Caridade q^{ta} mais
se orientar na Esperança p^o o
"projecto" da Igreja no Mundo.

